

A vinda a esta cidade da Orquestra Sinfónica da Emissora Nacional, que realizou três esplêndidos concertos, no Rívoli, a 14, 15 e 16 de Abril pretérito, trazendo à frente a figura eminente do Maestro Pedro de Freitas Branco, curiosa e rara individualidade de chefe de orquestra, proporcionou-me, no segundo concerto, o enorme prazer espiritual de ouvir e conhecer a 2.ª suite do «Ballet Sonatina», de Ernesto Halffter, para piano e orquestra, estando a parte de solista entregue ao Autor.

Desejoso de conhecer pessoalmente o ilustre compositor, dirigi-me ao camarim, mesmo antes de se iniciar a execução da sua obra, tendo-me sido apresentado pelo Maestro Freitas Branco.

Ernesto Halffter, com a mais cativante gentileza e surpreendente camaradagem, marcou para o dia seguinte um encontro no Grande Hotel do Porto, para trocarmos impressões, num ambiente mais tranquilo, impressões essas, que deram origem ao seguinte esboço biográfico.

//

Ernesto Halffter, nasceu em Madrid a 16 de Janeiro de 1905. Seu pai, Ernesto Halffter, alemão, casado com D. Rosaria Escribá, espanhola, nascida na ridente e bulhosa Andaluzia, conhece bem o nosso país, onde viveu alguns anos, antes de fixar residência em Espanha.

Halffter, como quasi todos os «novos» da moderna escola espanhola, com excepção de Joaquim Turina, que frequentou o Conservatório de Madrid, começou estudando música só. Tendo o notável musicólogo e critico, D. Adolfo Salazar, escutado al-

O compositor espanhol Ernesto Halffter, no Porto

gumas composições de Halffter, entre as quais se contava uma pequena peça escrita aos seis anos de idade e admirado pela enorme intuição do moço artista, mostrou forte empenho em apresentá-lo ao grande compositor Manuel de Falla.

Desde então nasceu entre Falla e Halffter a mais profunda amizade, immanados, Mestre e Discipulo, numa espiritual comunhão de ideias, vivendo os mesmos sonhos de Beleza.

Halffter foi o único discipulo de Falla, facto que o honra sumamente, atestando bem o seu valor de compositor e o reconhecimento desse mérito por parte do seu Ilustre Mestre.

Ernesto Halffter, como o seu ilustre compatriota o escultor Benlliure, encontrou na terra lusitana a companheira do seu lar de artista.

O autor da «Sinfonietta» é casado com a distinta pianista D. Alice da Cámara Santos de Halffter, antiga discipula de Marcos Garin, em Lisboa, que se tem feito ouvir em concertos nessa cidade, em Sevilha, Madrid, Paris e Berlim.

As principais obras de Ernesto Halffter, de acentuada personalidade construtiva dentro dos moldes modernos, são: «Sonata», em ré maior, para piano; «Ballet Sonatina», dedicado a sua esposa, estreado em 1928 em Paris com retumbante êxito: «Sinfonietta», para onze solistas e orquestra de corda; «Esquise Symphonique»; «Sonatina Fantasia»; «La muerte de Carmen»,

tragédia musical em quatro actos e «L'hiver de l'enfance», além de outras composições para trio, quarteto de cordas, canto e orquestra e canto e piano.

O Maestro Halffter, tem dirigido várias orquestras em Paris, Londres, Berlim e Colonia, e as mais importantes do seu país, tais como a «Sinfónica», «Filarmonica» e «Lassalle» de Madrid, a orquestra do «Liceo» de Barcelona e a Orquestra Betica de Cámara, criada por Falla, na qual Halffter é director desde a fundação, sendo interessante frisar, que nesta orquestra empunhou a batuta, pela primeira vez, aos 16 anos de idade.

As suas obras tem sido executadas nos Estados Unidos, Argentina, Bélgica e Itália.

Ernesto Halffter é hoje detentor da mais forte representação da música espanhola de carácter internacional, libertando-se das influências do «provincialismo» ou «hebreidade folclórica», o que nesta boa terra portuguesa se vem notando com perigosa e acentuada tendência, em alguns compositores.

A sua forma é expressionista, e temos um flagrante exemplo a apontar: a sua «suite» para piano e canto, «L'hiver de l'enfance», na qual o piano tem uma função primordial na comentários, enquanto a voz «cantava», criando um ambiente estético novo.

Contudo nunca descura a forma, o ritmo interior, o sentido tonal e o sentido emocional, condições indissociáveis para que uma obra seja perfeita.

Na chamada música popular não lhe despertam interesse as «raízes», mas somente a «essência», na que considera a base da música nacionalista.

Na moderna escola espanhola, além do nome brilhante de Ernesto Halffter, na vanguarda, figuram outros, não menos dignos de serem evocados: Rodolfo Halffter, irmão do pianista, autor do «ballet» «D. Lúcido de Almería», para duas orquestras de corda; Gustavo Pittaluga, essencialmente nacionalista, autor do «Concerto militar», para violino e orquestra, e Salvador Bacarisse.

//

Para foi que os «críticos musicais» dos diários portugueses, não tivessem dado o devido realce à forma de trabalho musical que é Ernesto Halffter, que no concerto de 15 de Abril, em colaboração com a Orquestra da Emissora Nacional, veio até nós, apresentar-nos uma das suas mais representativas obras.

Nestes linhos, aqui tributo a Ernesto Halffter a minha homenagem.

EURICO THOMAZ DE LIMA

mesmo os artigos que tenho publicado a este respeito são mais uma indicação das vias a seguir, do que propriamente uma exposição ou vulgarização do assunto: o resto é com a capacidade e o poder de atenção dos leitores.

A este respeito recordarei aqui as seguintes frases, em extremo justas, de Painlevé. «Que tais concepções apaixonem os mais diversos meios, é coisa de que nos devemos felicitar; mas os espíritos que pretendem aceitá-las sem esforço dão por isso mesmo a prova de que as não penetraram. Muitos dos entusiasmos que suscita a nova e audaciosa doutrina (Relativ.), são, segundo temo, provocados menos pelas belezas profundas mas pouca acessíveis que ela encerra, do que por erros de interpretação aos quais ela se pode prestar. Esses erros encontram lugar em muitos tratados recentes que pretendem ensinar a Relatividade. Bem entendido, seria inadmissível imputar aos criadores da doutrina a responsabilidade destes mal entendidos; ainda que certas exposições um tanto temerárias, certos esforços impressionantes tragam àqueles que com isso foram enganados largas circunstâncias ate-

nuantes. É um sensato aviso dizer que a teoria da Relatividade é como um vinho demasiado forte que embriaga os cérebros insuficientemente treinados na severa disciplina da ciência».

O que Painlevé diz da Relatividade, podemos dizê-lo igualmente da Logística, da matemática da linguagem, das doutrinas do Circulo de Viena e outras concepções da ciência e da filosofia positiva contemporânea, pois esta ultrapassa grandemente em fluidez, subtilidade e fugidia vizão a mais requintada das metafísicas helénica ou budista. Por tais razões o primeiro passo a dar, neste sentido, era a divulgação em Portugal daqueles autores que como Rodolfo Carnap, Schlick, Frank, Reichenbach e outros juntam a uma perfeita posse da ciência, uma lucidez de espírito crítico, e de exposição, e um vigor filosófico admiráveis: foi a isso, afinal, e quasi sómente a isso que se reduziu a minha tentativa. Os deslizes de forma que esta possa ter não modificam pois em nada o que é essencial: «a segurança dos caminhos iniciados».

Com toda a consideração.

Abel Salazar